

LITERATURA SURDA: IDENTIDADES E PERSPECTIVAS DA LEITURA LITERÁRIA DE DOCENTES E DISCENTES SURDOS DO CURSO DE LETRAS LIBRAS DO INTENSIVO - PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PARFOR) E DO CURSO EXTENSIVO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA (UFRA)

Alessandra de Sousa Gonçalves¹

Wanúbya do Nascimento Moraes Campelo²

RESUMO

A presente pesquisa busca investigar identidades surdas sobre a construção de leitor literário, e a abordagem de textos literários em contextos acadêmicos do curso de Letras Libras Intensivo (Programa de Formação de Professores para a Educação Básica – PARFOR) e no curso Extensivo da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA. Este estudo deu-se por meio de entrevista semiestruturada com docentes e discentes surdos da Instituição observando as identidades surdas (STROBEL, 2008) em que estão inseridos, suas histórias de vida, processo de formação educacional, nos contextos familiar e escolar, aquisição da linguagem, conhecimento sobre textos literários, apreensão dos textos literários expostos no contexto acadêmico, tradução de textos literários em língua portuguesa para língua brasileira de sinais, produção e circulação de literatura surda. A pesquisa tem como escopo analisar essas identidades surdas e a construção de sentidos dos entrevistados em relação aos textos literários, circulação e registro de literatura surda. (PERLIN, 1998) e (KARNOPP, 2008) foram o aporte teórico para esta análise.

Palavras-chave: Identidades surdas, Literatura Surda, Construção de sentidos, Libras, Literatura.

INTRODUÇÃO

A pesquisa foi iniciada na disciplina de Literatura visual, ministrada pela professora Msc. Wanúbya Campelo, no curso de Licenciatura em Letras Libras do Programa de Formação de Professores para a Educação Básica – PARFOR da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA. Na ocasião, as discussões sobre o ensino de Literatura surda e metodologias para efetivação e entendimento dessas produções literárias pela comunidade surda foram basilares para os primeiros questionamentos que impulsionaram este trabalho.

Como a Literatura está sendo trabalhada com os surdos na Universidade Federal Rural da Amazônia no seu curso de Letras Libras nas suas modalidades intensiva e extensiva? Qual o

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, ale_vigia@yahoo.com.br;

² Professor orientador: Doutoranda em Estudos Literários (UFPA), Mestra em Letras (UFPA), Especialista em Libras (FIBRA), Docente Assistente da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, wanubyacampelo@gmail.com.

entendimento dos textos literários pela comunidade surda ufraniana? Quais as produções literárias dos surdos na Universidade? Qual a identidade surda desses indivíduos e como ela influenciou na apreensão dos textos literários? Eles produzem literatura? Registram esses textos? No que concerne aos docentes surdos, como e se estariam usando a literatura em sala de aula? Enfim, fez-se necessário, então, pesquisar a formação da identidade surda dos membros dessa comunidade e a relação dessas identidades com a formação destes indivíduos enquanto leitores literários e produtores de literatura.

Nesse sentido, fez-se uma entrevista semiestruturada com quatro indivíduos surdos da UFRA, sendo dois professores do curso de Letras Libras e duas alunas do mesmo curso. As entrevistas foram analisadas com base nos conceitos de identidades surdas de (PERLIN, 1998), de História cultural dos surdos (STROBEL, 2008) e de construção de sentidos de (BISOL, 2010). A partir dos resultados obtidos com essa pesquisa, almejamos contribuir com propostas metodológicas para o ensino de literatura para surdos, de acordo com os pressupostos de uma educação bilíngue que priorize a língua materna do sujeito surdo: a Libras.

METODOLOGIA

Este trabalho consubstanciou-se em uma pesquisa explicativa, bibliográfica e de campo. Foram entrevistados, como mencionado anteriormente, quatro sujeitos surdos da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, a saber, **Sujeito A**: docente Mestre da Educação, do sexo feminino, diagnosticada com Surdez aos 06 (seis) anos de idade após contrair meningite, **Sujeito B**: docente formado em Letras/Libras, cursando Doutorado na área, do sexo masculino, diagnosticado com Surdez desde seu nascimento. Ambos docentes são filhos de pais ouvintes e os mesmos trabalham no Curso de Letras Libras do Intensivo - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) e do Extensivo. **Sujeito C**: discente graduanda do 2º semestre do curso de Letras/Libras do sexo feminino, diagnosticado com Surdez desde seu nascimento e **Sujeito D**: discente graduanda do 5º semestre do curso de Letras/Libras do sexo feminino, diagnosticada com Surdez Congênita aos 08 (seis) meses de idade após um nascimento prematuro. As alunas fazem parte do Curso Extensivo da UFRA. Todos os entrevistados são nascidos no Estado do Pará, região norte do Brasil.

Os dados coletados foram tratados por uma abordagem metodológica de cunho qualitativo e quantitativo, a fim de ressaltar a descrição e averiguação das percepções sociais dos sujeitos envolvidos, facilitando o entendimento de como se processa a compreensão da literatura e os fenômenos sociais que cercam estes sujeitos surdos entrevistados.

Para a realização do estudo, foi feito o convite verbal aos discentes e docentes da UFRA, apresentando-lhe os objetivos deste trabalho por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Obtido o consentimento, em dia e horário pré-agendados, procedeu-se a coleta dos dados, feita por meio de entrevistas semiestruturadas que foram gravadas e traduzidas da Libras para o português por meio dos Intérpretes da Instituição.

DESENVOLVIMENTO

Após anos de desafios e exclusões, a Comunidade Surda conseguiu algumas vitórias determinantes para a sua inclusão social, como o reconhecimento e ampliação da cultura surda e a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio da lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que oficializa a Língua Brasileira de Sinais – Libras como a forma de comunicação e expressão de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Mediante a esse amparo legal, surge o decreto 5.626/2005, o qual regulamentou a lei de Libras, proporcionando à pessoa surda a acessibilização comunicacional por meio de tradutores/intérpretes que auxiliam no processo de apreensão de todas as informações contidas no contexto seja ele, social, religioso, político, econômico e educacional.

A comunidade surda sempre buscou, por meio do visual se expressar, assim percebe-se que a cultura surda composta de significados e significantes vem ganhando espaço na sociedade, tendo em vista que esse grupo minoritário de surdos começa a se encontrar em lugares públicos e as narrativas entre eles passam a tomar forma, pois é nesse meio que o surdo tem a oportunidade de se reconhecer enquanto sujeito surdo e também aprender e trocar conhecimento sobre a cultura surda que há anos vem crescendo de forma sólida.

Neste sentido, para entendermos o Conceito de Comunidade Surda, Strobel nos diz que:

A Comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes membros de família, interpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização.(...) Em que lugares? Geralmente em associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros. (2008, p.29)

Nota-se que no conceito de Comunidade surda apresentado pela autora, não está inserido apenas o sujeito surdo, mas sim, um todo, seja ele ouvinte ou surdo. De acordo, com Strobel (2008), a comunidade surda é bem heterogênea, o que torna a interação entre os sujeitos surdos ainda mais dinâmica, pois cada pessoa surda é diferente uma da outra.

Diante de tal argumentação, Perlin retrata que:

As diferentes identidades Surdas são bastante complexas, diversificadas. Isto pode ser constatado nesta divisão por identidades onde se tem ocasião para identificar outras muitas identidades Surdas, ex: Surdos filhos de pais Surdos;

Surdos que não tem nenhum contato com Surdo, Surdos que nasceram na cidade, ou que tiveram contato com Língua de Sinais desde a infância etc... (2002, p.15 - 16)

Essas diferenças podem dificultar o processo de aquisição não somente da Língua de Sinais, mas como também na construção de leitor literário, pois cada pessoa surda tem sua característica, seu perfil e, principalmente, o modo de aprender diferenciado.

Podemos destacar as Identidades Surdas, segundo (PERLIN, 2013, p. 62), as quais fazem parte das representações culturais das pessoas surdas. Assim, essas identidades podem ser definidas como:

Identidade Flutuante: Elas estão presentes em surdos que possuem dificuldade de identificação em uma comunidade de maneira definida seja ela ouvintista ou surda. (PERLIN, 2013, p. 66) relata que: são muitos casos e muitas histórias de surdos profissionalizados que vivem as identidades flutuantes, pois não conseguiram estar a serviço da comunidade ouvinte por falta da comunicação e nem a serviço da comunidade surda por falta da língua de sinais. Nela o surdo se espelha na representação hegemonia do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com o mundo ouvinte, ou seja, demonstram resistências a Língua de Sinais e a cultura Surda.

Identidade de Transição: Acontece quando o sujeito surdo, por algum motivo, não tem nenhum contato com a identidade surda. A transição é marcada quando o surdo se desvincula dos hábitos ouvintes e adota a identidade surda que possui um aspecto mais visual. PERLIN (2013, p. 64) relata que “no momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela “desouvintização” da representação da identidade”, na qual o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio. Estão presentes na situação dos Surdos que devido à sua condição social viveram em ambientes sem contato com a sua identidade Surda ou que se afastaram desta.

Identidade Híbrida: De acordo com (PERLIN, 2013, p.64) consiste em mais um tipo de identidade. São sujeitos que nasceram ouvintes e com o passar do tempo se tornaram surdos por algum motivo. Os Surdos que nasceram ouvintes e com o tempo adquiriram alguma doença, acidente, entre outras situações que os deixaram Surdos, dependendo da idade em que a surdez chegou, conhecem a estrutura do português falado, decodifica a mensagem em português e o envio ou a captação da mensagem vez ou outra é na forma da língua oral;

Identidade Surda: Trata-se da identidade que é intensamente marcada por uma política surda. Para (PERLIN, 2013, p.63), “estão presentes no grupo pelo qual entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita.” Logo, entende-se que são pessoas que

transpassam suas experiências e sua cultura, por meio da língua de sinais. Os surdos que assumem essa identidade são representados por discursos que os veem capazes como sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre espaços culturais surdos;

Identities Surdas de Diáspora: Divergem das identidades de transição. Estão presentes entre os Surdos que passam de um país a outro ou, inclusive passam de um Estado brasileiro a outro, ou ainda de um grupo Surdo a outro. Ela pode ser identificada como o Surdo carioca, o Surdo brasileiro, o Surdo norte-americano. É uma identidade muito presente e marcada.

Identities Intermediarias: Essas pessoas fazem uso do aparelho auditivo e tem característica que não lhe permite uma identidade surda, isto é, a sua captação de mensagem não é totalmente visual, pois apresentam um pouco de surdez, com isso, levam uma vida de ouvinte.

Identidade surda incompleta: É quando o surdo nega a sua própria identidade apenas para se socializar no ambiente dos ouvintes. Possui certa habilidade de articular as palavras, na maioria das vezes usa aparelho auditivo e recusa o uso da língua de sinais. (PERLIN, 2013, p. 64-65) a descreve quando existe uma forte pretensão da comunidade ouvintista de impor aos surdos a reprodução de sua identidade visando, nessa atitude, uma maneira de manter o domínio, com atitudes que buscam conservar uma relação de poder.

De acordo com estas identidades surdas apresentadas analisamos os indivíduos surdos entrevistados e indentificamos suas respectivas identidades e a construção deles enquanto leitores literários de acordo com sua trajetória social e acadêmica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os quatro surdos entrevistados para esta pesquisa, responderam aos seguintes questionamentos:

PERGUNTAS	
01	Qual sua história de vida, alfabetização, formação escolar e sua formação enquanto leitor?
02	Lia textos literários na escola?
03	Quais?
04	Qual era o seu entendimento em relação às construções metafóricas dos textos literários?
05	Ao longo da formação acadêmica ele teve contato com a literatura?
06	Quais textos literários?
07	Tem contato ou conhecimento de surdos que produzam Literatura?
08	Quais?
09	Esses textos literários escritos por surdos são registrados como?
10	Enquanto docente você usa textos literários em sua prática pedagógica?
11	Você elabora metodologias específicas para que os alunos surdos possam acompanhar às aulas em que são apresentados textos literários?
12	Qual a importância que você atribui à apresentação de textos literários e literatura surda nos cursos de Letras Libras?

O sujeito A, em relação ao primeiro questionamento, nos mostra como se deu esse processo no decorrer de sua vida “nasci ouvinte na década de 80, filha de pais ouvintes, então a minha infância não foi difícil porque eu era ouvinte, antes dos 05 (cinco) anos a minha mãe estava me ensinando a ler, a escrever, a separar em sílabas. Porém com 06 (seis) anos contrai a doença meningite e fiquei surda, mas isso não impediu de estudar mesmo com a política de exclusão daquela época.”

Diante desse argumento, percebe-se que a estrutura familiar foi muito importante para o processo de formação do sujeito A, principalmente para que a mesma se tornasse uma leitora de textos literários, mesmo após ter ficado surda. Já sobre a compreensão dos textos literários, a entrevistada revelou que a escola a incentiva a ler textos literários como paradidáticos, literatura infantil e fábulas que lhe atraíam pelas imagens: “As fábulas eu até compreendia, pois me levava ao imaginário... os paradidáticos. Alguns, sim, outros, não. Mas, literatura do Brasil como romances...Eu não entendia nada”. A partir dessa citação da entrevistada verifica-se que devido a surdez, ela tinha dificuldade de entender às construções metafóricas dos textos literários em língua portuguesa.

Percebe-se então, que o sujeito A, de acordo com (GOLDFELD, 1997, p.33) foi ensinado de acordo com o oralismo, ou filosofia oralista, a qual usa a integração da criança surda à comunidade de ouvintes, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o português). Assim, nota-se que o sujeito A, de acordo com (PERLIN, 2013, p.64) pode ser classificado, de acordo com sua identidade, como híbrido, pois nasceu ouvinte e com o passar do tempo se tornou surda por causa da meningite contraída aos 6 anos de idade.

Desse modo, esse tipo de identidade é instituída quando a pessoa nasce ouvinte, contudo, depois se torna surda. Neste caso, ela já passou pelo conhecimento da estrutura da língua portuguesa falada, mas passa a depender da língua de sinais para se comunicar. Assim, esse sujeito torna-se participativo seja no grupo de ouvintes ou em grupo de surdos.

Por conseguinte, observa-se que com o passar do tempo que o sujeito A ficou fluente em Língua Portuguesa e também em Libras, o que facilitou o acesso durante sua formação acadêmica à literatura. Assim, ao responder os questionamentos cinco e seis, nos cita que já teve contato com a “literatura visual, onde a figura central era o sujeito surdo”, textos literários como: “Rapunzel surda, Tibi e Joca, Chapeuzinho Vermelho surda, Cinderela surda, etc.”

Diante dessa fala, (PERLIN e STROBEL) nos mostram que:

O encontro surdo-surdo representa, pois, a possibilidade de troca de significados de constituição de identidades. Assim, o outro igual, o mesmo, é aquele que usa a mesma língua e que consegue construir possibilidades de

troca efetiva e compartilhar o processo político que significa e dá sentido (2008, p.26)

É a partir desse contato com seus pares surdos que veremos as trocas de conhecimento cultural contadas pelas mãos, por meio de sinais, classificadores, expressões faciais e corporais passada de geração em geração, a história de vida de cada ser surdo, suas lutas e desafios ao longo do tempo.

Com relação, ao sujeito B, o processo e história vida é bem diferente do sujeito A, segundo seu relato baseado no primeiro questionamento, respondeu “sou filho de pais ouvintes e surdo desde a nascença, nasci na década de 60, devido a surdez demorei ler, tinha por volta de 12 anos de idade e ainda não sabia ler nada, pois tinha muita dificuldade em relação a língua portuguesa. Nesse período, não havia intérpretes de Libras, isso foi 1986 por aí, não tinha acessibilidade, eram aulas particulares. No entanto, tudo era em português e as disciplinas (biologia, ciências e matemática) na escola para surdos eram em português, isso me dificultava e eu tinha aula de reforço, pois tinha muita dificuldade na leitura.”

Nota-se com esse depoimento, que o Sujeito B, é surdo congênito, ou seja, a dificuldade é ainda maior, porquanto não ocorre a modalidade visual-espacial no seu processo de aquisição e tudo a sua volta está relacionado ao oralismo e não à Libras, ou seja, isso ocorreu por causa de seu seio familiar ser formado por ouvintes, ocasionando a dificuldade de comunicação e um tardio conhecimento sobre os textos literários, que certamente não foi positivo no seu processo de letramento.

Assim, conforme, (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p.17) o letramento nas crianças surdas enquanto processo faz sentido se significado por meio da língua de sinais brasileira, a língua usada na escola para aquisição das línguas, para aprender por meio dessa língua e para aprender sobre as línguas.

Mesmo com todos esses percalços, o Sujeito B continuou seus estudos, aos 36 anos de idade, o entrevistado nos relatou que “começou a fazer o curso de Letras/Libras e durante o curso o professor na época colocou na projeção do data show, uma imagem que tratava sobre a opressão de pessoas surdas, aí o professor pediu que a gente olhasse para aquela imagem que falava sobre o preconceito e repressão às pessoas surdas. Enfim, eram imagens que tinham mensagens metafóricas. E nesse dia com a explicação de um professor surdo eu consegui entender mais sobre que se tratava de um texto visual. Com relação à metáfora em texto mesmo é bem difícil. Porém, quando se trata de metáforas de um texto de linguagem visual para mim é mais fácil”.

Percebe-se após este relato que o entrevistado B se enquadra na Identidade Surda, a qual segundo (PERLIN, 2013, p.63), “estão presentes no grupo pelo qual entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita”. Neste caso, refere-se ao sujeito em questão, pois por meio da cultura visual de sua comunidade surda consegui compreender metáforas ocorridas pela troca de experiências viso-espacial, que antes com os textos voltados somente para a língua portuguesa não entendia o significado e o signicante do contexto.

No que concerne a história vida da terceira entrevistada, nota-se a diferença do sujeito C e A, porém é parecida com o B, pois segundo o primeiro questionamento relata “sou surda desde nascença, nasci na década 90, meus pais são ouvintes, meu pai foi uma das pessoas responsáveis por me ensinar muitas coisas. Mas paralelamente eu aprendi muito, através da percepção visual”.

Neste caso, percebe-se que o Sujeito C tem a mesma identidade do Sujeito B que é a Identidade Surda, apesar de serem de três décadas diferentes, mas aprendem da mesma forma, por meio da língua viso-espacial que “emergem do encontro contínuo de surdo com a sua comunidade. São nesses encontros que as identidades surdas eclodem pela troca de experiências e de conflitos que possibilitam uma ressignificação das próprias representações” (SÁ, 2002, p.101).

Além de terem uma identidade parecida, a qual buscam representações possíveis da cultura surda, percebe-se outro ponto comum entre eles, o entendimento em relação às construções metafóricas dos textos literários, que a entrevistada C ao ser questionada na quarta pergunta respondeu “Na verdade esse é o ponto principal são as metáforas, eu tenho uma dificuldade muito grande de compreender de ter acesso à língua portuguesa e à essas metáforas. Por exemplo, fazendo um comparativo existem metáforas próprias da minha língua visual, da Libras, que ouvinte não consegue entender paralelamente essa é a mesma dificuldade que eu apresento no idioma estrangeiro, o ouvinte vai enfrentar no meu idioma. Eu preciso que essas metáforas sejam traduzidas para o meu idioma para que eu possa ter uma compreensão melhor”.

Neste sentido, tanto o sujeito B, como o C, lutam por espaços que respeitem e valorizem a cultura surda, por meio da Libras e conseqüentemente, possam eliminar as barreiras comunicacionais e que dependo de onde estejam possam ter acesso a textos literários acessíveis, contados ou traduzidos em Libras. Assim como propõe (KARNOPP, 2010, p.161) a respeito da Literatura Surda que trata sobre “produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como fala, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente.”

Mediante a essas discussões, observa-se na resposta do segundo questionamento a identidade surda bem enraizada na entrevistada C ao responder a quinta pergunta: “Bom, do 1º ano ao 9º ano do ensino fundamental, eu não lia. Eu vim ler a partir do ensino médio, não era uma leitura frequente. Não! A minha literatura eu consegui participar dela, através da Língua Brasileira de Sinais, através da minha comunicação me despertou mais interesse. Então, na língua portuguesa ela não tem o mesmo valor que eu consigo encontrar na língua Brasileira de Sinais, eu sei que é interessante, essencial fazer essa leitura em português, só que é assim, sou apaixonada pela literatura visual”.

Sobre a entrevistada D, o processo e história vida é quase parecido com a entrevistada A, pois foi oralizada durante seu processo de aquisição de linguagem, nascida na década de 90, foi diagnosticada com surdez congênita. Assim, quando questionada sobre a primeira pergunta relata “Meus pais são ouvintes, e sou única filha surda deles, enquanto a minha alfabetização foi difícil, foi necessário de muita paciência para eu armazenar e adquirir a língua- portuguesa, além de estudar em casa, eu tinha reforço de manhã era mais para o desenvolvimento da fala e da leitura, estudava na escola, tinha acompanhamento médico, eu ficava totalmente rodeada pela língua-portuguesa, eu era estimulada a ler desde pequena, porém, fui aprendendo a compreender e a ler com 12 anos, foi um processo árduo.

Nota-se que devido seus pais descobrirem desde cedo sobre a surdez influenciaram a entrevista D a ter uma vida oralizada, é o que percebemos segundo seu relato:

“Eu não suportava ler, não fazia sentido para mim, e era muito difícil, e ainda chegava em casa, para aprender a ler, todos os dias à noite, eu sentava na mesa com meus pais, eles associavam imagens, a palavra e pronúncia para facilitar o entendimento e lia gibis para ter algum resultado, pouco entendia. Para todos os momentos, utilizava aparelho auditivo com a esperança de ter algum contato sonoro, o que nunca ocorreu. Atualmente como leitor, com 12 anos, fui progredindo, passei a ter gosto pela leitura, passei a compreender, porém, algumas palavras são difíceis, mas aprendo e coloco no meu cotidiano e às vezes eu não entendo o contexto, me esforço para entender e peço ajuda, entendia pouco de metáfora, fui aprendendo aos poucos, para isso é necessário saber mais um pouco além do que está escrito. Outro fato importante, sempre que eu terminava de ler um livro, eu tinha que fazer um resumo em relação do que eu entendi daquele livro. E me tornei amante de livros devido aos esforços e devido ao apoio familiar.”

Dessa forma, de acordo com o relato da aluna percebe-se que o aprendizado é tardio devido a várias situações que ocorrem durante o processo de aquisição da linguagem, nese caso,

a Libras foi deixada de lado o que dificultou o seu desenvolvimento, mas ao analisar essa citação nota-se que o avanço de cada pessoa surda depende basicamente da base familiar.

Assim, a identidade cultural do sujeito D, segundo (PERLIN, 1998), é uma identidade de Transição, na qual o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que faz passar da comunicação visual-oral (na maioria das vezes truncada) para a comunicação visual sinalizada – o surdo passa por um conflito cultural.

Partindo dessas entrevistas, percebe-se que os sujeitos independentemente de suas identidades surdas, e principalmente com todas as suas dificuldades durante o seu processo educacional de se tornar um leitor literário, conseguiram conquistar um espaço na sociedade seja ele pessoal ou profissional.

Mediante a tais conquistas, a Universidade Federal Rural da Amazônia, é uma conquista comum de ambos os Sujeitos, e que atualmente, esta Universidade atende alunos surdos e ouvintes no curso de Letras/Libras intensivo e extensivo. Também tem em seu quadro de professores surdos e ouvintes que são capacitados na Língua Brasileira de Sinais e em suas aulas nas turmas de Letras/Libras usam todas as referências literárias visuais e incentivam os alunos a produzirem metodologias para alunos surdos, por meio de vídeos, jogos, plano de aulas adaptadas e criação de livros educativos. Esses tipos de materiais acessíveis sobre literatura ainda são muito escassos no estado do Pará.

Os PCNs definem o ensino de Literatura do seguinte modo:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua (BRASIL, 1998. p. 26).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados para respeitar as diversidades independentes de região, cultural, crença, raça se é ouvinte ou surdo, ou seja, este documento curricular foi criado para dar condições aos jovens terem acesso ao conjunto de conhecimentos que por meio de textos literários são cruciais para seu desenvolvimento.

Portanto, ao analisar as falas dos entrevistados percebe-se que essas condições curriculares não foram de fácil acesso aos surdos, pois o currículo escolar precisa ser revisto para que todos tenham acesso à literatura seja ela visual ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as entrevistas feitas para esta análise, percebemos que a Escola ainda precisa estar mais preparada para receber o sujeito surdo e poder lhe propiciar a acebilização

comunicacional, de direito. Notamos também, que o Brasil evoluiu muito nas últimas décadas em relação à inserção destes sujeitos nas escolas regulares e universidades, portanto há uma necessidade de recebê-los de forma mais adequada às suas necessidades.

Para tanto, as escolas de educação básica e as instituições particulares, estaduais e federais de ensino precisam oferecer, no seu contexto escolar, uma educação voltada para o bilinguismo, que terá como foco o uso de duas línguas: a Língua Portuguesa e a Libras, as quais segundo o decreto nº 5.626/2005, art. 22 que as instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

§ 1º Escolas ou classes de educação bilíngue, aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

Portanto, é por meio desta proposta de educação bilíngue em toas as esferas da educação, que os sujeitos surdos terão acesso educacional de qualidade, e que por meio desse incentivo possam criar suas próprias histórias de superação. Assim como nos diz (GOLDFELD, 1997):

O Bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngue, ou seja deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como Segunda língua, a língua oficial de seu país. (p. 38)

Partindo desse pressuposto teórico, volto ao questionamento inicial desta pesquisa. Como a Literatura está sendo trabalhada com os surdos na Universidade Federal Rural da Amazônia no seu curso de Letras Libras nas suas modalidades intensiva e extensiva? E qual é a importância que você atribui à apresentação de textos literários e literatura surda nos cursos de Letras Libras?

Segundo o relato da entrevistada A, representante da instituição “A literatura tem como papel principal formar leitores e letrar os alunos com eficiência. A literatura visual tem como objetivo trazer a literatura ao leitor surdo ou/ usuário de libras para que desenvolvam sua literatura na mesma medida que o leitor ouvinte usufrui da literatura. Então, enquanto docente do curso de letras Libras, um curso voltado para a formação de docentes de Libras, me vejo em duas missões: apresentar a literatura, a literatura mundial, clássica, brasileira como também apresentar a literatura visual, as produções literárias e as literaturas adaptadas para surdos.”

Enfim, após este relato nota-se que a Instituição está no caminho certo, e pode servir como base para as outras instituições, pois a partir da disciplina de Literatura visual presente na grade do curso, os acadêmicos e futuros profissionais da educação, vão contribuir de forma

significativa, por meio de metodologias acessíveis voltadas à construção de sentidos, a partir de vários textos e contextos literários bilíngues e acessíveis.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 26 p

BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Regulamento Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>, Acesso em 22 set. 2019.

BRASIL. Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 - Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm Acesso em 23 set. 2019.

GOLDFELD, Márcia. A Criança Surda. Linguagem e Cognição Numa Perspectiva Sócio-Interacionista. São Paulo: Plexus Editora, 1997. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/A_crian%C3%A7a_surda_linguagem_e_cogni%C3%A7%C3%A3o.html?id=bM_MhU5SUWsC.

KARNOPP, L. B. Literatura Surda. Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis, 2008.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. Caderno de Educação. Pelotas: Fae/ PPGE/UFPel, 2010.

PERLIN, G. ; STROBEL, K. Fundamentos da Educação de Surdos. Florianópolis, 2008.

PERLIN, G. As Diferentes Identidades Surdas. Revista da FENEIS - Ano IV – número 14 abr./jun. de 2002

PERLIN, G. O ser e o estar sendo surdos: Alteridade, diferença e identidade. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PERLIN, Gladis T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. B. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 62-66

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, Magali L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf

Revista da FENEIS - Ano IV – número 14 abr./jun. de 2002. Autora Gladis Perlin. Disponível em: https://issuu.com/feneisbr/docs/revista_feneis_14

SÁ, Nídia Regina Limeira. Cultura, Poder e Educação de Surdos. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas, 2002.